

O ÚLTIMO MOTIVO

Andando noite chuvosa adentro por ruas mal iluminadas, Amnestésicus se perguntava se ainda haveria um último motivo para viver.

Desde o início de sua existência, a vida fora um grande fracasso em todos os sentidos.

Imaginava mais de quinhentos motivos pelos quais deveria por fim à própria vida inútil, mas, não conseguia lembrar-se de um sequer que lhe obrigasse a dar meia volta desistindo de seu intento.

Sabia que o que estava para fazer era errado.

Contra as Leis de Deus!

Mas, por-que deveria continuar adiante a tortura diária de uma vida infeliz e sem sentido?

Caminhava a encontro do seu destino a passos muito lentos e curtos, assim, quem sabe, ainda encontraria um último motivo para viver.

Não estava fácil.

Mesmo sabendo que outros estavam em situação igual ou pior que a sua e não desistiam de manter a alegria de viver, Amnestésicus não considerava esses exemplos de força de vontade e luta suficientemente convincentes para continuar.

Sua amargura com relação à vida parecia infinita.

Poderia ser um sentimento temporário.

Talvez amanhã acordasse vendo as coisas sobre um novo prisma desistindo assim, de suas ideias suicidas.

Só que as coisas não eram bem assim.

Sempre que saía da cama sentia vontade de ficar dormindo, não pelo sono, mas, sim pelo fato de ter de encarar a realidade cruel que era o seu dia-a-dia.

E finalmente chegou ao lugar onde poria fim à própria vida: a Ponte da Morte.

Era chamada assim, porque muita gente havia morrido nela das maneiras mais diversas.

A Ponte da Morte passava por cima do rio mais poluído do mundo.

O esgoto de toda a cidade desaguava ali juntamente com os detritos de mais de meio milhão de fábricas.

Um mergulho ali, mataria qualquer homem comum em menos de cinco segundos.

-Uma morte rápida, pelo menos. - Pensou Amnestésicus. - Espero que também indolor.

Ele tirou de dentro do seu capote uma corda e amarrou uma de suas pontas a uma pesada pedra que havia no chão.

Tudo isso, de maneira muito lenta, imaginando se haveria um último motivo para ainda permanecer no mundo dos vivos.

Não lembrando de nada que o fizesse desistir da ideia, amarrou a outra ponta da corda no pescoço e subiu no parapeito da ponte ficando de pé sobre este enquanto segurava a pesada pedra nas mãos.

A um passo da morte, ainda imaginou se na própria dieta estaria comendo alguma coisa que pudesse provocar reações químicas em seu organismo que o induzissem àquele comportamento.

Não! Sua alimentação era exatamente igual à de outras pessoas que conhecia.

Além disso, não tomava ou usava nada que afetasse suas faculdades mentais.

Durante cinco minutos ainda ficaria imóvel debaixo da chuva pensando se haveria um último motivo que o livrasse do abraço da morte.

Depois, daria o passo fatal.

Quando se passaram quatro minutos e meio, Amnestésicus tentou lembrar de algum dia que tivesse sido feliz.

Veio-lhe então à mente, o último motivo pelo qual não deveria morrer: sua pequena afilhadinha.

Ela tinha dois anos e meio, era linda e talvez fosse a única pessoa no mundo que sentisse uma genuína alegria em vê-lo.

Lembrou-se que tivera somente uma semana feliz na sua vida. Justamente, quando ela ficou na sua casa enquanto os pais viajavam.

-Não devo morrer! Minha afilhadinha acaba de me salvar. Levarei adiante esta maldita vida inútil e sem sentido nem que seja apenas para vê-la longe dos perigos do mundo.

A água da chuva foi infiltrando-se nos dedos de Amnestésicus e a pedra.

Esta, ficou mais lisa a medida que os cinco minutos finais se passaram e então, escapou das mãos do ex-pretense suicida quando ele ia sentar-se no parapeito da ponte par voltar para casa.

Foi violentamente levado para baixo, despencando direto para o fundo das águas do rio.

Morreu em menos de cinco segundos.

Debateu-se até o último momento tentando escapar da morte...

Moral da história:

Deixe para amanhã o que pode fazer hoje. Talvez você não se arrependa.
